

Ano 12, Vol XXIV, Número 2, jul-dez, 2019, Pág. 495-519.

## INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM IMIGRANTES VENEZUELANOS EM MANAUS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Elayne Cristina dos Santos Cardoso

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

**Resumo:** Este relato de experiência é fruto de uma atividade prática de intervenção realizada por um grupo de 6 psicólogas pesquisadoras do Programa de Pós Graduação em Psicologia - PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. A atividade proposta como parte da disciplina “Processos Psicossociais e Intervenções” do programa de mestrado, objetivou promover uma vivência de intervenção psicossocial em uma Instituição de acolhida a imigrantes venezuelanos na cidade de Manaus. Contou com a parceria da Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Manaus e da Cáritas Arquidiocesana. O local de realização foi a denominada “Casa do Migrante Beato João Batista Scalabrini”, localizada na zona oeste de Manaus, com a participação de 22 imigrantes venezuelanos do gênero masculino, na faixa etária entre 20 a 59 anos. O intuito do trabalho foi alinhar a metodologia sob o prisma da psicologia Social Comunitária e na perspectiva sociocultural. A técnica utilizada sobre o grupo se deu por meio da Oficina com a linguagem da arte. A Intervenção Psicossocial, portanto possibilitou o encontro da Psicologia Social Comunitária com arte, dos sujeitos com a criação de seus sonhos banhados na emoção da chance de poder recomeçar e das práticas de conhecimentos das psicólogas com o cotidiano da comunidade.

**Palavras-chave:** Intervenção Psicossocial; Psicologia Social Comunitária; Imigrantes; Oficina; Arte.

**Abstract:** This experience report is the result of a practical intervention activity carried out by a group of 6 research psychologists from the Postgraduate Program in Psychology - PPGPSI of the Federal University of Amazonas - UFAM. The activity proposed as part of the discipline "Psychosocial Processes and Interventions" of the master program, aimed to promote an experience of psychosocial intervention in a host institution for Venezuelan immigrants in the city of Manaus. It counted on the partnership of the Pastoral of the Migrants of the Archdiocese of Manaus and the Caritas Archdiocese. The site was the "Casa do Migrante Beato João Batista Scalabrini", located in the western part of Manaus, with the participation of 22 Venezuelan immigrants of the masculine gender, between the ages of 20 and 59. The purpose of the work was to align the methodology from the point of view of community social psychology and from a socio-cultural perspective. The technique used on the group was given through the workshop with the language of art. the creation of their dreams plunged in the emotion of the chance to be able to start again and of the practices of knowledge of the psychologists with the daily life of the community.

**Keywords:** Psychosocial Intervention; Community Social Psychology; Immigrants; Workshop; Art.

## INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência é fruto de uma atividade prática de intervenção realizada por um grupo de 6 psicólogas pesquisadoras do Programa de Pós Graduação em Psicologia - PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. A intervenção realizada considerou a onda imigratória da Venezuela para o Brasil, que teve início em meados do ano de 2017, principalmente pela fronteira com Roraima com expansão para os estados vizinhos, entre eles o Amazonas.

Desta forma, a atividade proposta como parte da disciplina “Processos Psicossociais e Intervenções” do programa de mestrado, objetivou promover uma vivência de intervenção psicossocial em uma Instituição de acolhida a imigrantes venezuelanos na cidade de Manaus. Contou com a parceria da Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Manaus e da Cáritas Arquidiocesana. O local de realização foi a denominada “Casa do Migrante Beato João Batista Scalabrini”, no bairro do Santo Antônio, na cidade de Manaus/Am. A Casa funciona como “primeiro porto”, o de chegada à cidade, dos imigrantes, que podem ficar durante um mês.

Os venezuelanos saem do seu país pela grave crise econômica e social, apresentando-se assim como refugiados no Brasil em condições de perseguição política ou pela crise humanitária no país de origem. Em Manaus buscam principalmente empregos e atendimentos em saúde.

A condição de refugiado para Godoy (2017, p. 81) diz respeito ao “sujeito que teme ser perseguido no seu Estado de origem e assim pode pedir proteção a outro país, que deverá estabelecer um mecanismo de reconhecimento desse status”. De tal forma, falar da migração mundial e da condição de refugiado é perceber na maior parte dos discursos e ações, uma política restritiva, que criminaliza o sujeito migrante e não reconhece seus direitos, pois olha a situação da migração sob a ótica da segurança nacional.

Neste sentido, o Brasil está à frente de outros países no que tange a legislação acerca da migração, como por exemplo, a Promulgação do Estatuto do Refugiado. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. O artigo 1º estabelece as hipóteses de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil.

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Essa lei brasileira é modelo para países da região, considerada uma das mais avançadas e generosas políticas em direitos humanos. Permite, dessa forma, instituir as normas aplicáveis aos refugiados e aos solicitantes de refúgio no Brasil, bem como coordena e orienta ações imprescindíveis à eficácia da proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados. A lei também possibilitou a criação do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) – órgão responsável por analisar os pedidos e declarar o reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado. Contamos ainda com a mais recente aprovada Lei de Migração 13.445/2017 substituindo o Estatuto do Estrangeiro. Ainda que seja cedo para avaliar seu impacto real, a nova Lei já representa um novo paradigma na legislação migratória brasileira, por tratar o tema das migrações sob a ótica dos direitos humanos, e não mais sob uma perspectiva de segurança nacional (Coury & Rovey, 2017).

Contudo, voltando o olhar para Amazônia, percebem-se questões ainda distantes de garantir o direito de migrar. A busca da Amazônia representa refúgio ou passagem e interligação para outras regiões do Brasil, o que se deve por suas dimensões transcontinentais e pela dimensão transfronteiriça. Assim, lhe é atribuída uma dinâmica migratória muito específica arraigada por problemas relacionados ao trabalho escravo e tráfico de pessoas, especialmente mulheres para fins de exploração sexual.

Essas questões ligadas às migrações na Amazônia não fazem parte de uma temática nova na região, e isso se dá pela ausência de políticas públicas capazes de abranger as regiões estratégicas do país, assim a falta de política de atendimento e integração dos migrantes na sociedade de acolhida representa uma violação dos direitos humanos. Fato é que há pouco tempo, por exemplo, que o governo do Amazonas iniciou um trabalho específico com venezuelanos que chegaram à cidade de Manaus. Neste sentido, a ausência de políticas migratórias de maneira específica do governo local, abre precedentes para atuação dos grupos que lucram na exploração da condição de migrantes e para o tráfico de pessoas, como mencionado anteriormente.

Diante do apresentado, o intuito do trabalho foi alinhar a metodologia sob o prisma da psicologia Social Comunitária e na perspectiva sociocultural de Vigotski. Vislumbrando que a mudança de realidade acontece no meio social e no próprio sujeito – materialismo histórico dialético. Ser dialético é trazer as questões para realidade e dialogar para construir o novo. Quando fazemos o novo, objetivamos e mudamos a realidade.

Dessa forma Aguiar (2015, p. 121) aponta que “é importante frisar que a atividade de cada indivíduo é determinada pela forma como a sociedade se organiza para o trabalho, entendido aqui como a transformação da natureza para a produção da existência humana, algo que só é possível em sociedade”.

Para alcançar o objetivo da atividade optou-se em adotar uma proposta grupal por meio da Oficina, que é um recurso metodológico valioso na perspectiva psicossocial e atua como instrumento facilitador de transformação sociocultural. Com isso, adotou-se a definição do termo a partir de Afonso (2006, p.09):

Oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir.

A discussão sobre temas ligados ao sujeito imigrante requer experiências para além da dimensão cultural, pois o processo de integração envolve também aspectos políticos, econômicos, sociais e psicológicos, devem ser considerados aspectos multidimensionais na intervenção psicossocial, pois “a tarefa de desenvolver teoria e prática psicológica pertinente para as nossas configurações não foi uma tarefa apenas de voltar nossa atenção para o nosso entorno, mas também de repensar algumas de nossas premissas” (Llorens, 2009, p. 243).

Nessa perspectiva entende-se que o processo de compreensão da consciência não passa simplesmente pela atividade cognitiva e intelectual proporcionada na intervenção psicossocial, mas tem uma dimensão emocional. Dessa forma a emoção é uma dimensão fundamental da consciência. O pensamento é gerado pela motivação de nossos desejos, necessidade, interesses e emoções, como foram expressos nos desenhos e partilhas durante a Oficina. Sendo assim, o atuar, pensar, sentir e perceber constitui um processo unificado, como tentou ser feito na intervenção com os imigrantes venezuelanos.

## MÉTODOS

O presente trabalho se delineou de acordo com o Relato de experiência, que permitiu a pesquisadora relatar as experiências e vivências da intervenção, interligando-as com o saber científico discutidos na disciplina. Utilizou-se uma proposta grupal que “significa compreender o grupo enquanto relações e vínculos entre pessoas com necessidades individuais e/ou interesses coletivos, que se expressam no cotidiano da prática social” (Martins, 2007, p. 77).

A Intervenção Psicossocial ocorreu na “Casa do Migrante Beato João Batista Scalabrini”, localizada no bairro de Santo Antônio, zona oeste de Manaus, com a participação de 22 migrantes venezuelanos do gênero masculino, na faixa etária entre 20 a 59 anos.

A prática foi embasada na perspectiva da Psicologia Social Comunitária em seu papel catalizador e facilitador da transformação, que perpassa também pelo seu processo metodológico. Montero (2002) aponta que a intervenção psicossocial visa unir teoria e ação em função de uma realidade social específica buscando responder problemas existentes nessas sociedades, revisando as explicações e confrontando-as para desenvolver interpretações apropriadas e úteis, de tal forma que a psicologia social se adaptasse à realidade e não vice-versa, e assim superar a irrelevância social que é acusada.

A forma de inserção na comunidade propôs usar contribuições oriundas de uma psicologia social crítica, que compreende o homem na sua totalidade histórica, em movimento e protagonista da sua história particular e coletiva, pois a atividade estava imbricada a conhecimentos e questões provenientes de uma Psicologia Política em termos de modos alternativos de ação política.

Sendo assim, o trabalho desenvolvido percorreu algumas estratégias de inserção na comunidade como processo de intervenção embasado nas elucidações de Quintal de Freitas (1998). A primeira estratégia objetivou a coleta de informações sobre a vida, condições de moradia e sobrevivência, recuperação histórica da construção daquela comunidade, que se deu na aproximação inicialmente pelo contato telefônico com a Cáritas Arquidiocesana, uma entidade ligada a Igreja Católica de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.

Em seguida ocorreu um encontro presencial com a representante da Cáritas e da Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Manaus, em que ambas apresentaram três espaços de atuação da Pastoral dos Migrantes na cidade de Manaus. Ao ouvir a realidade, foi perguntado em qual dos espaços que a intervenção psicossocial poderia ocorrer, tendo como resposta a Casa do Migrante, em caráter de urgência. O local referido é uma Casa de passagem, que acolhe atualmente 43 pessoas, sendo a maioria homens.

Logo após a reunião com as instituições, realizou-se a identificação de necessidades e problemáticas vividas pela população na esfera do seu cotidiano, em termos de processos psicossociais que afetam as pessoas no seu cotidiano e nas relações estabelecidas. Estas estratégias foram contempladas no segundo momento que ocorreu na Casa do Migrante, como forma de conhecer a realidade local, a comunidade e, ainda levantar as demandas dos sujeitos. Após isso, o próximo passo se deu na elaboração e realização da Oficina: *Nossos Sonhos e Utopias*.

Considerou-se assim, que o contato e a entrada que as 6 psicólogas construíram na comunidade aconteceu orientada pelas necessidades que a população vive, sendo, portanto os objetivos norteadores do trabalho definidos a posteriori (Quintal de Freitas, 1998).

A técnica utilizada sobre o grupo se deu por meio da Oficina, “caracterizada como uma prática da intervenção psicossocial seja em contexto pedagógico, clínico, comunitário

ou de política social” (Afonso, 2006, p. 10). A oficina possibilitou trabalhar com significados afetivos, vivências relacionadas com o tema discutido, além de envolver emoções e revivências e o foco se deu na experiência e na reflexão sobre a atividade vivida. Utilizou-se ainda a linguagem artística do desenho, pintura e colagem, bem como da música como forma de aproximação e facilidade no diálogo, visto que o idioma se apresentava como um desafio na comunicação entre psicólogas e participantes.

Neste sentido, compreende-se que uma posição metodológica não exclui o uso de técnicas variadas, porque é o problema que determina a metodologia a seguir, quem trabalha com a comunidade deve aplicar ou criar as ferramentas mais apropriadas para cada caso, desde que a orientação básica venha determinada pelos princípios que fundamentam à subdisciplina: união entre teoria e prática; poder na comunidade; horizontalidade da relação entre pesquisadores e investigados - pesquisadores externos e investigados internos; socialização de caráter histórico das comunidades de autogestão; estímulos, prioridades; transformação social e individual como um objetivo (Montero, 2002).

Para a concretização deste relato utilizou-se dos registros dessa experiência por meio do Diário de campo, que além de ser utilizado como instrumento reflexivo para a pesquisadora é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. Sendo assim, o diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo e intimista. (Macedo, 2010).

Por fim, foram utilizados registros fotográficos e vídeos, com os sujeitos da intervenção previamente comunicados, além dos desenhos, pinturas e colagens produzidas por eles na oficina e apresentados nos próximos tópicos.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de Intervenção Psicossocial estabeleceu-se a partir da questão epistemológica da relação singular-particular-universal na atuação do psicólogo pesquisador que se constitui na relação entre a singularidade (o indivíduo) e a universalidade (o gênero humano), a qual se concretiza através das múltiplas mediações determinadas pelas relações sociais específicas do contexto (a particularidade) em que esse indivíduo está inserido. É essa relação fundamental a ser considerada se de fato queremos contribuir para emancipação humana (Oliveira, 2005).

Nesta perspectiva, o primeiro encontro com as organizações responsáveis pela Casa do Migrante Beato João Batista Scalabrini, teve a finalidade de ouvir as demandas e necessidades, bem como compreender quem eram os sujeitos acolhidos pela instituição, além de saber se havia interesse em receber a intervenção da equipe de pesquisadoras, não somente no formato de um trabalho de disciplina, mas com desejo de contribuir com alguma demanda no espaço. A Casa acolhe homens e mulheres recém-chegados a Manaus, dessa forma o espaço ganha destaque por caracterizar o primeiro momento na cidade, intitulado pela coordenadora da Pastoral de “euforia”, momento que se acredita que “tudo vai dá certo” ou “não era o que eu esperava”. Além disso, o que reflete a maioria dos casos, segundo a coordenadora da Pastoral dos Migrantes, ainda é a existência de uma diferença entre os gêneros homem e mulher de como lidar com a situação da migração.

O passo seguinte se deu numa manhã de visita ao local, para conversar com os responsáveis pela Casa e com os moradores, além de conhecer o espaço e a dinâmica e a rotina diária do ambiente. Naquele momento a Casa estava acolhendo 37 migrantes, homens adultos entre 20 a 59 anos, que recebiam três refeições ao dia, dormitórios e material de higiene pessoal, bem como encaminhamentos para documentação e ajuda na

elaboração de currículo. A “comunidade” Casa do Migrante abre os portões às 06h30min da manhã onde muitos saem para procurar emprego pela cidade, retornando ao meio dia ou fim da tarde e, os portões se fecham às 21h30min. Os próprios sujeitos se organizavam entre si para os serviços de limpeza do espaço e da preparação das refeições diárias. A coordenação propõe espaço de reuniões em que os indivíduos participam das decisões referentes à realidade local de internos. As questões suscitadas nesta visita foram relacionadas à afetividade - saudade de casa e as perspectivas de futuro em Manaus.

Diante disso, a equipe decidiu focar em perspectivas de futuro, refletindo a partir das seguintes questões: como me vejo no futuro? E o que eu espero do mercado de trabalho? A questão familiar também foi marcante, por conta da ausência e saudade, mas, deduzimos ser um conteúdo que poderia mobilizar sentimentos que essa intervenção por ser pontual, não abrangesse. Dessa forma, após conhecer, levantar, descrever e caracterizar as necessidades dos sujeitos venezuelanos e sua dinâmica de vida na Casa do Migrante, a equipe de psicólogas decidiu o que e como fazer posteriormente.

Quinta de Freitas (1998) afirma que, no decorrer do processo de intervenção que tais informações vão sendo obtidas, concomitantemente vão se delineando aspectos e fenômenos como temáticas potenciais e possíveis para o desenvolvimento do trabalho de intervenção, e isso acontece pela importância da interação e o papel da comunidade neste cenário, em constituírem elementos viabilizadores para a aquisição de informações.

Assim que visualizamos certa caracterização e mapeamento da realidade cotidiana, permeada por vários processos psicossociais, definiu-se os objetivos seguintes do trabalho, identificando metas a serem atingidas e construindo instrumentais para efetivar a ação. Com isso articulamos a atividade a ser feita através de Oficina, ressaltando a diferença da oficina para o grupo terapêutico, “uma vez que se limita a um foco e não pretende a análise psíquica profunda de seus participantes” (Afonso, 2006, p. 9).

A Oficina intitulada Nossos sonhos e Utopias teve como objetivo: refletir sobre os sonhos e as perspectivas de futuro dos imigrantes venezuelanos, tendo em vista a ação em um novo chão de realidade. Utilizaram-se os seguintes materiais: panos coloridos, revistas, jornais, tesouras, cola, giz de cera, tinta guache, pinceis e canetas coloridas. O Ambiente estava organizado com cadeiras em círculo, palavras escritas em folhas coloridas que despertavam sentidos para a oficina (trabalho, casa, família, alegria, novidade, vida e esperança), colocadas sobre o pano colorido no chão, junto aos materiais que foram utilizados no decorrer da oficina.

**Foto 1 – Ambiente e materiais**



**Fonte: Acervo Pessoal extraído da Oficina (2018)**

Enquanto instrumento da Intervenção Psicossocial a Oficina esteve ligada a uma demanda do grupo da Casa do Migrante. Contudo, destaca-se que não discutimos aqui numa perspectiva clínica de profissional – cliente, “falamos mais propriamente da existência de uma situação que envolve elementos sociais, culturais e objetivos e que precisa ser trabalhada em dado grupo social” (Afonso, 2006, p.31).

A Oficina iniciou com a participação de 21 pessoas, todas do gênero masculino, sendo realizada primeiramente uma acolhida e apresentação entre os participantes e a equipe de psicólogos. Neste momento os sujeitos trouxeram falas a respeito do que havia

motivado a chegada ao Brasil, tais como procura por trabalho e em busca de melhoria de vida para a família que havia ficado na Venezuela.

Logo após, adentrou-se ao contexto do tema, fazendo analogia da história e vida a uma obra de artes. A história pessoal e os sonhos formam um mosaico de fatos, pessoas, lugares e situações que envolvem sentimentos e situações diversas. Nesta tela (a vida), em constante construção, pintamos com mais ou menos intensidade nossa história. Com isso foi proposto ao grupo fazer uma experiência de olhar para a própria história a partir da chegada ao Brasil, e então refletir: “qual é o colorido da minha existência?”.

Optou-se utilizar da arte, entendendo-a como elemento universal de linguagem e como dimensão importante do sujeito humano, conforme explica Vigotski (1999):

A arte é o social em nós, e se seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais (p. 315)

E assim, partindo dessa reflexão conduziu-se a dinâmica: *Mosaico dos Sonhos*, em que cada participante foi motivado a representar seus sonhos através da colagem de figuras retiradas das revistas e jornais ou da criação de desenhos e pinturas. No meio da atividade chegou outro participante que vinha de um dia de trabalho e percebendo os demais em atividade sentiu interesse em participar da Oficina também, e então completou-se os 22 participantes.

Enquanto a produção da obra de artes era realizada ouviu-se a música:

Dias Melhores (Jota Quest)

Vivemos esperando

Dias melhores

Dias de paz

Dias a mais

Dias que não deixaremos para trás

Vivemos esperando

O dia em que seremos melhores

Melhores no amor

Melhores na dor

Melhores em tudo

Vivemos esperando

O dia em que seremos

Para sempre

vivemos esperando

Dias Melhores pra sempre

Dias melhores pra sempre

Pra sempre

Observou-se que todos os participantes demonstravam interesse na atividade, em interagir e em falar sobre suas experiências e vida. Nesse sentido, Leontiev (como citado em Silva & Hai, 2011) assegura que a produção da consciência, do pensamento e da linguagem está atrelada na origem à atividade produtiva, à comunicação material dos homens. Como também, o nascimento da linguagem estabelece uma relação com a necessidade, oriundas do trabalho, que os homens sentem de dizer alguma coisa.

Ao iniciarem os desenhos e colagens, tinham aspectos parecidos com atividades infantis, cheios de cores e sonhos, com frases, palavras soltas junto aos desenhos e uma carta. Após a conclusão dos trabalhos foram convidados a partilhar com o grupo seu mosaico.

Os mosaicos apresentavam as seguintes frases: *“Eu quero minha família”, “Desejo trabalho para melhorar minha vida e de minha família”, “Juntos dá pra fazer mais” “Um sonho de primeiro apartamento”, “A educação é a matéria prima para a construção dos sonhos” “Eu quero um Restaurante que se chamará Júlio”, “Minha casa”, “Certas oportunidades aparecem só uma vez”, “Conheça a solução”, “Pode escolher muitos caminhos, um deles é o certo” “Toma decisões” “Quero ser motorista de ônibus”*. Além de nos desenhos trazerem palavras soltas como: *Família, Futuro, Valoriza, Brasil, Venezuela, Lar, Trabalho, Ônibus, Tranquilo, Prosperidade, Amor, Carro, Trabalho, Paz, Amor e Felicidades*.

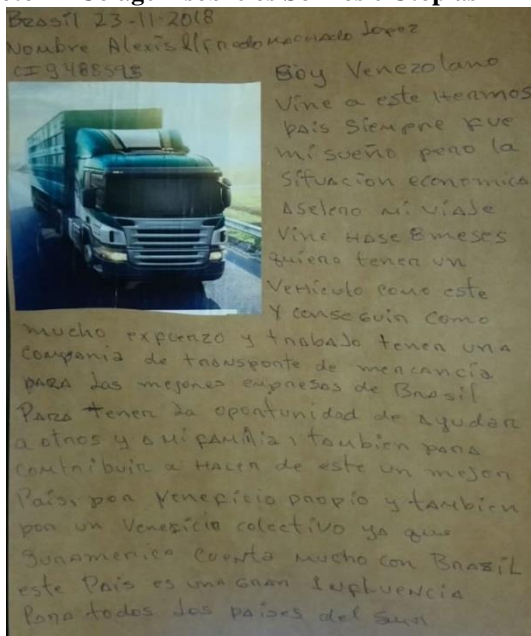
Com expressões pautadas na emoção, estes sujeitos deixam para trás o ambiente familiarizado, suas redes e papéis sociais, ocorrendo à perda em status social, a renda e outros. E assim, utilizou-se aqui a emoção como instrumento de recomeço, propondo o que Quintal de Freitas (1998) menciona:

Parece-nos fundamental entender as tendências e ideologias que se materializam no cotidiano das pessoas, que as faz sentirem-se com mais ou menos possibilidades de mudarem suas vidas, em benefício a si e ao outro, de tal modo que este outro não apareça como uma ameaça à sua vida, à sua convivência e à sua emoção, emoção essa que permeia as relações humanas e as possibilidades futuras de convivência.

As falas dos indivíduos apresentaram-se sempre atreladas a conquista do trabalho, de valorização e melhores condições de vida para si, para família e para outras pessoas que se encontram na mesma situação de migração. Mas a palavra que se destaca em todos os desenhos refere-se à inserção laboral – trabalho –, mostrando que estes sujeitos desejam ter o direito ao mercado de trabalho, fator importante para garantir subsistência para si e para família que em grande parte está na Venezuela.

Absurdamente, os migrantes e refugiados que fugiram da barbaridade das guerras e despotismos, da fome e da miséria ao chegarem a Amazônia, geralmente têm sido considerados ameaças, seres estranhos, desconhecidos, e responsabilizados por situações e incertezas sobre as quais há várias e históricas causas. Mesmo assim, essas pessoas trazem consigo esperança de um futuro melhor e de ter a possibilidade de se estabelecer principalmente com pessoa humana que necessita cuidar da sua dignidade, tal como nos mostra um dos trabalhos elaborados na Oficina:

**Foto 2 - Colagem sobre os Sonhos e Utopias**



**Fonte: Acervo Pessoal extraídos da Oficina (2018)**



*“Sou venezuelano, cheguei a este belo país que sempre foi meu sonho, mas a situação econômica acelerou a minha viagem. Eu vim para cá há 8 meses, quero ter um veículo como esse e conseguir com muito esforço e trabalho ter uma empresa de transporte de mercadorias para as melhores empresas do Brasil. Para ter a oportunidade de ajudar os outros e minha família e também contribuir para tornar este país melhor, em benefício próprio e também de benefício coletivo, já que a América do Sul conta muito com o Brasil, este país é uma grande influência para todos os países do Sul” (AM. – Tradução da autora).*

O relato apresenta o Brasil como sinônimo de esperança para muitos imigrantes refugiados, muito pela legislação que se apresenta para o mundo de forma generosa e solidária. Legislação essa que favorece um bom caminho para as políticas públicas de migração, ainda que os estados caminhem em passos lentos. Destacamos outro desenho que expressa essa relação de corresponsabilidade do Brasil para com a população imigrante e refugiada bem como com toda a América do Sul.

**Foto 3 – Desenho dos Sonhos e Utopias**



**Fonte: Acervo Pessoal extraído da Oficina (2018)**

Os desenhos mostram de forma poética as perspectivas dos sujeitos frente ao novo chão de realidade e ao mesmo tempo essas linhas estão abertas a inúmeras

possibilidades de sentidos. Nos trabalhos artísticos e nas falas, observou-se sujeitos sendo resistência diante da grande adversidade que se encontram. Depois da partilha, os participantes foram motivados a apreciarem o mosaico construído com os sonhos de todos os participantes.

Este momento da intervenção possibilitou aprofundar a reflexão acerca da nossa construção histórica ligada a afirmação de Vigotski (1999, p. 320) de que: “A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a se concretizar, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está atrás dela”. Compreendeu-se que o passado, presente e futuro estão simultaneamente no tecer da vida, e isso faz da nossa existência um constante movimento de metamorfose vivido atrelada as condições diversas e plurais de possibilidades. O mosaico desenvolvido pelos imigrantes e refugiados nos permite pensar que dentro da atual conjuntura as várias condições de possibilidades muitas vezes não estabelecem relações de vida saudáveis, pelo contrário, o mover-se para o futuro por medo e sofrimento do presente é urgente, é uma questão de sobrevivência.

**Foto 4 – Mosaico dos Sonhos**



Fonte: Acervo Pessoal extraídos da Oficina (2018)

A Oficina encerrou-se com a seguinte questão: Qual a contribuição da Oficina para a reflexão sobre os meus sonhos no Brasil? E de forma espontânea os participantes expressaram-se. Emocionado, o sujeito JM falou do tratamento diferente que ele e os demais receberam ao chegar em Manaus, diferentemente do que recebeu em Boa Vista/RR “*senti confiança aqui*” disse JM, ao agradecer a equipe pela atividade e acolhida. Outras falas apareceram também ligadas à confiança e segurança de estar em Manaus.

Neste sentido, é importante ressaltar o que Sawaia (2001) elucida sobre existência de um processo de exclusão atrelada a mecanismos simultâneos de inclusão marginal ou precária da sociedade. A sociedade exclui para incluir numa transformação de ordem social desigual, uma lógica capitalista que ao excluir, inclui ao seu modo, no viés mercadológico que lhes é próprio, o que implica no caráter ilusório da inclusão. Nessa relação percebe-se o quão tem crescido a xenofobia, o racismo e o nacionalismo, da mesma forma que o número dos seus representantes políticos, cujo projeto de

confinamento e exclusão dos considerados indesejáveis é agora ameaçado pelos grandes contingentes que migram. Para Bauman (2016) são pessoas que tem medo de perder seus bens, suas posições sociais e seus empregos, e passam a endossar tais ideologias e reafirmar a segregação aos imigrantes e refugiados e “nos lembram de modo irritante, exasperante e horripilante a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria posição e da fragilidade endêmica deste nosso bem estar que tanto nos custou alcançar” (p. 21).

Sendo assim, todos estão inseridos como produto do funcionamento do sistema econômico, tendo uma grande massa inserida na escassez das privações, estabelecidas para fora do econômico. E o problema está precisamente nessa inclusão. Todavia, o que teremos no lugar da exclusão é a dialética da exclusão/inclusão. Essa noção da relação dialética de exclusão/inclusão permite compreender a exclusão social e a inclusão marginal notada na relação arbitrária de alguns governos frente à situação da migração ou de grupos organizados que se aproveitam da necessidade da população migrante e refugiada, uma vez que ao produzir exclusão produz-se inclusão precoce e marginal na população que vive em situações precárias. É um processo complexo que envolve o indivíduo de forma integral.

Wanderley (2001) reflete sobre a noção de exclusão como fenômeno global decorrente de modelos e estruturas econômicas desiguais que implicam a qualidade de vida das pessoas. Quando se trata concretamente do tema da exclusão qualquer que seja o estudo deve ser contextualizado no espaço e tempo ao qual o fenômeno se refere e, levando em conta que em nosso país que existem diferentes causas de pobreza e de exclusão. Da mesma forma que se dá em cada realidade das populações que migram atualmente no mundo, em especial aqui da Venezuela.

Nesta perspectiva, no meio de uma lógica de exclusão/inclusão precária caminhamos para implementação de uma prática de extermínio social voltado para algumas das populações da sociedade, como a população migrante e refugiada, violada de todas as formas seus direitos, frente aos sistemas e modelos sócio-políticos. Todavia, é preciso buscar diferentes formas de inviabilizar a exclusão, favorecendo novas maneiras de inclusão de todas as pessoas num processo de vida e de modelo mais humanitário. A discursão da exclusão como forma de inclusão marginal deve permanecer enquanto esses paradigmas existirem, para que os migrantes e refugiados possam ser de fato sujeitos de direitos, de uma cidadania que parece distante de se almejar.

Ainda no final da Oficina os participantes mencionaram a música ouvida, a frase do refrão: “Vivemos esperando dias melhores”, sendo repetida por inúmeras vezes pelos participantes. Vimos aí à relação estabelecida entre música e pessoas, podendo ser estabelecidas em outros processos, como da dimensão da singularidade do sujeito na construção como indivíduo. Frith (como citado em Maheirie, 2010, p. 13) nos aponta que: “Trazemos canções para dentro de nossas vidas e ritmo para dentro de nossos corpos; canções e ritmos tem uma frouxidão de referência que os torna imediatamente acessíveis”. A música estabelece uma conexão com o indivíduo e situa também uma identificação em relação com o coletivo, ela expressa algo que nem sempre conseguimos por meio da fala. Nesse contexto a música é uma forma de definirmos nosso lugar na sociedade e enfrentar os processos de exclusão que aí encontra-se. Enfim, a oficina chegou ao fim garantindo um espaço de emancipação dos sujeitos que buscar transformar suas existências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato é essencial para compreendermos a relação existente na inserção da psicóloga na comunidade, fragilidades existentes e possibilidades de crescimento. A Psicologia Social Comunitária possibilita uma nova modelagem no tipo de trabalho que se deseja estabelecer na sociedade, é um processo libertador, pois por muito tempo, o atendimento psicológico, foi específico a clientela seletas e elitistas, que mantiveram a imagem do profissional psicólogo como alguém que prestava um serviço selecionador e elitizado bem distante da esfera social e humanitária.

Desta forma, nosso olhar enquanto psicólogas e pesquisadoras devem estar atentas à realidade na qual os sujeitos estão inseridos, dialogando com as vivências diárias e suas subjetivas. A Intervenção Psicossocial, portanto possibilitou o encontro da Psicologia Social Comunitária com arte, dos sujeitos com a criação de seus sonhos banhados na emoção da chance de poder recomeçar e das práticas de conhecimentos das psicólogas com o cotidiano da comunidade. Os pressupostos de Vigotski foram mediadores desse encontro, com ênfase na reflexão da elaboração criadora da realidade, do movimento metamorfósico da vida, que iluminou e promoveu a vivência criadora com sujeitos na Oficina de Sonhos e Utopias.

Dessa forma, a atividade de intervenção alcança o seu objetivo e favorece ao grupo de psicólogas as diversas possibilidades de trabalho com Psicologia Social Comunitária, nos encontrando não como especialistas nem donas de um saber, não somos “fadas madrinhas” ou os “salvadoras” da comunidade, somos agentes da transformação que precisa partir de um lugar comum, fazendo com e pra a comunidade, garantindo um serviço de equidade.

Ressalta-se ainda que Psicologia Social Comunitária não tem técnicas “prontas”, é preciso ter sensibilidade com o momento, com a população e o contexto sociocultural. Bem como foi observado na Oficina, inicialmente decidiu-se que não seria pontuada a questão da afetividade relacionada à saúde da família, porém, toda a atividade esteve indiretamente interligada a este contexto, todavia, de forma leve que não prejudicasse ou despertasse um mal estar nos sujeitos envolvidos na Oficina, mas foi um fator que os próprios sujeitos trouxeram em seus desenhos e partilhas.

Portanto, este trabalho não se esgota em uma Oficina, sabe-se que o processo de Intervenção Psicossocial é processual, exige uma proposta de acompanhamento. Mas esta atividade em si, provocou vários apontamentos que podem ser vislumbrados para as próximas intervenções, questões essas que visualizam os sujeitos imigrantes e refugiados de forma integral e humanitária. E a psicologia pode contribuir nas discussões, intervenções e processos emancipatórios dessas comunidades e grupos sociais.

## REFERÊNCIAS

- Afonso, M.L.M. (2006). Oficinas em Dinâmicas de Grupo: um método de intervenção psicossocial. In \_\_\_\_\_. (Org). (2006). *Oficinas em Dinâmicas de Grupo: um método de intervenção Psicossocial*. (pp. 9-61). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aguiar, J.M.W. (2015). Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio Histórica. In Bock, B.M.A., Gonçalves, M.G.M. Furtado, O. (Orgs.). (2015). *Psicologia Sócio-histórica uma perspectiva crítica em psicologia*. (6. ed.). São Paulo: Cortez Editora.
- Bauman, Z. (2016). *Extranños llamando a la puerta*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2016.
- Coury, P. & Rovey, J. (2017, dezembro). O Idioma como Facilitador do Processo de Integração de Refugiados e Imigrantes: a Experiência do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, v.12, n.12, 2017. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.

Freitas Quintal de, M. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (1), 0.

Godoy, G.G.O.de. (2017). O que Significa Reconhecimento da Condição de Refugiado? In Jubilut L.L., Godoy, G.G. (orgs.). (2017). *Refúgio no Brasil: comentários à lei 9.474/97*. São Paulo: Quartier Latin/ACNUR.

Lei nº 9.474, de 22 de Julho de 1997. (1997, 22 de Julho). Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Recuperado a partir de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm)

Llorens, M. (2009). Liberation Psychology on the Street: Working with Youngsters Who have Lived on the Streets of Caracas. In Montero, M., Sonn, C.C. (Eds.). (2009), *Psychology of Liberation: Theory and Applications*. (pp. 237-258). Springer.

Macedo, R.S. (2010). *Etnopesquisa crítica/etnopesquisa formação*. Brasília: Liber Livro.

Maheire, K. (2010). A música como foco nas pesquisas: Alguns acordes na partitura da psicologia social. In Zanella, V.A., Maheire, K. (Orgs.). (2010). *Diálogos em psicologia social e arte*. (pp.39-49) (1. ed.). Curitiba: Editora CRV.

Martins, S.T.F.M. (2007). Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. *Psicologia & Sociedade*, 19 (2), 76-82.

Montero, M. (Coord.). (2002). *Psicologia Social Comunitária: Teoria, Método e Experiência*. Universidad de Guadalajara.

Oliveira, B. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In Abrantes, A.A., Silva, N.R. da, Martins, S.T.F. (Orgs.). (2005). *Método Histórico-Social na Psicologia Social*. (pp.25-51). Vozes.

Sawaia, B. (2001). Introdução: Exclusão ou Inclusão perversa? In \_\_\_\_\_. (Org.). (2001). *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. (pp. 7 – 13). (2. ed.). Petrópolis: Vozes.

Silva, J.C. Hai, A.A. (2011, Julho). *A Psicologia Histórico-Cultural e o Marxismo: em defesa do desenvolvimento humano integral*. Universidade estadual do Paraná: X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Maringá/PR. Recuperado em <http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/31.pdf>

Vigotski, L.S. (1999). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. L.S. (2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Wanderley, M. B. (2001). Refletindo sobre a noção de exclusão. In Sawaia, B. (Org.). (2001). *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. (pp.16-26). (2. ed.). Petrópolis: Vozes.

**Recebido: 11/9/2019. Aceite: 15/11/2019.**





**Sobre os autores e contato:**

**Elayne Cristina dos Santos Cardoso** - Psicóloga, Arte Educadora e Mestranda em Psicologia no PPGPSI – Faculdade de Psicologia/FAPSI da Universidade Federal do Amazonas /UFAM.

**E-mail:** elaynecristinasc@gmail.com

**Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira** - Psicóloga, Mestre em Educação em Ciências e Saúde; Doutora em Educação e Professora permanente do programa de mestrado da Faculdade de Psicologia/FAPSI na Universidade do Federal do Amazonas/UFAM.

**E-mail:** arcaldeirao@gmail.com